CAPÍTULO 1

— Despe-te.

Rin pestanejou.

— O quê?

O inspetor ergueu os olhos da sua brochura.

— Protocolo de prevenção contra copiar. — Gesticulou na direção de uma inspetora do outro lado da sala. — Vai com ela, se precisares.

Rin cruzou os braços com força sobre o peito e dirigiu-se à segunda inspetora. Foi levada para trás de um biombo, revistada cuidadosamente para garantir que não tinha escondido os materiais do teste em nenhum orifício e, em seguida, foi-lhe entregue uma saca azul sem forma.

— Veste isto — disse a inspetora.

— É realmente necessário? — Os dentes de Rin batiam enquanto ela se despia. A bata do exame era demasiado grande para ela; as mangas pendiam-lhe sobre as mãos, de modo que teve de as enrolar várias vezes.

— Sim. — A inspetora fez-lhe sinal para que se sentasse num banco. — No ano passado, doze alunos foram apanhados com papéis cosidos no forro das camisas. Nós tomamos precauções. Abre a boca.

Rin obedeceu.

A inspetora examinou-lhe a língua com uma vara fina.

— Nenhuma descoloração, isso é bom. Olhos bem abertos.

— Porque é que alguém se drogaria *antes* de um teste? — perguntou Rin enquanto a inspetora lhe esticava as pálpebras. A inspetora não respondeu.

Satisfeita, ela fez um gesto indicando a Rin a outra ponta do corredor, onde outros futuros alunos esperavam numa fila irregular. Estes tinham as mãos vazias e os rostos uniformemente tensos de ansiedade. Não tinham trazido nenhum material para o teste — as canetas podiam ser esvaziadas para conterem pergaminhos com as respostas escritas.

— Mãos de fora para as podermos ver — ordenou o inspetor, dirigindo-se para o início da fila. — As mangas devem permanecer enroladas acima do cotovelo. Deste ponto em diante, não falam uns com os outros. Se precisarem de urinar, levantem a mão. Temos um balde no fundo da sala.

— E se eu tiver de cagar? — perguntou um rapaz.

O inspetor deitou-lhe um olhar prolongado.

— É um teste de doze horas — disse o rapaz de modo defensivo.

O inspetor encolheu os ombros.

— Tenta estar calado.

Rin sentira-se demasiado nervosa para comer alguma coisa naquela manhã. Só a ideia de comida deixava-a enjoada. Tinha a bexiga e os intestinos vazios. Apenas a sua mente estava cheia, apinhada com uma quantidade louca de fórmulas matemáticas, poemas, tratados e datas históricas, prontos para serem despejados no caderno do teste. Ela estava pronta.

A sala do exame tinha capacidade para cem alunos. As mesas estavam dispostas em fileiras organizadas de dez e em cada mesa havia um pesado caderno de exame, um tinteiro e um pincel.

A maior parte das outras províncias de Nikan tivera de requisitar edifícios públicos inteiros para acomodar os milhares de estudantes que tentavam fazer o exame todos os anos. Mas o município de Tikany, na Província do Galo, era uma aldeia de agricultores e camponeses. As famílias de Tikany precisavam de mãos para trabalhar nos campos mais do que miúdos educados na universidade. Tikany usava apenas uma sala de aula, sempre.

Rin entrou na sala juntamente com os outros estudantes e ocupou o lugar que lhe fora designado. Perguntou-se como seria que os examinandos pareceriam vistos de cima — quadrados organizados de cabelo preto, batas azuis uniformes e mesas de madeira castanhas.

Ela imaginou-os multiplicados por várias salas de aula idênticas em todo o país naquele exato momento, todos a observar o relógio de água com uma expetativa nervosa.

Os dentes de Rin batiam loucamente num matraquear que ela achava que todos podiam, sem dúvida, ouvir, e não era apenas por causa do frio. Cerrou o maxilar, mas o tremor apenas se espalhou pelos seus membros até às mãos e aos joelhos. O pincel de escrever tremeu na sua mão, deixando cair gotas pretas sobre a mesa.

Ela cerrou o punho e escreveu o seu nome completo na capa do caderno: *Fang Runin*.

Não era a única que estava nervosa. Já se ouviam pessoas a vomitar para dentro do balde no fundo da sala.

Ela cerrou o punho, fechando os dedos sobre as cicatrizes pálidas das queimaduras, e inspirou. *Concentra-te.*

No canto, o relógio de água tocou suavemente.

— Comecem — disse o examinador.

Uma centena de cadernos de teste foram abertos com um ruído semelhante a um bater de asas, como um bando de pardais a levantar voo, todos ao mesmo tempo.

Dois anos antes, no dia em que a magistratura de Tikany estimara arbitrariamente ser o seu décimo quarto aniversário, os pais adotivos de Rin tinham-na chamado aos seus aposentos.

Isso raramente acontecia. Os Fangs gostavam de ignorar Rin até terem uma tarefa para ela e depois falavam-lhe como se dessem ordens a um cão. *Tranca a loja. Pendura a roupa. Leva este pacote de ópio aos vizinhos e não voltes sem os teres burlado pelo dobro do que pagámos.*

Uma mulher que Rin nunca tinha visto antes estava sentada na cadeira dos convidados. O seu rosto estava completamente polvilhado com o que parecia ser farinha de arroz branca, pontilhada por pinceladas espessas de cor nos seus lábios e pálpebras. Usava um vestido num tom de lilás vivo, tingido com um padrão de flores de ameixa e cortado de uma forma que poderia ser adequada a uma rapariga com metade da sua idade. A sua figura atarracada espremia-se pelos lados como numa saca de cereais.

— É esta a rapariga? — perguntou a mulher. — Hum. É um pouco morena… o inspetor não se vai incomodar muito, mas isso vai baixar um pouco o vosso preço.

Rin teve uma suspeita repentina e horrível do que se passava.

— Quem é você? — quis saber.

— Senta-te, Rin — disse o tio Fang.

Ele estendeu uma mão curtida para a obrigar a sentar-se numa cadeira. Rin virou-se imediatamente para fugir, mas a tia Fang agarrou-a pelo braço e arrastou-a de volta. Seguiu-se uma breve luta, na qual a tia Fang dominou Rin e empurrou-a para a cadeira.

— Eu não vou para um bordel! — gritou Rin.

— Ela não é do bordel, sua idiota — retorquiu a tia Fang. — Senta-te. Mostra algum respeito à Casamenteira Liew.

A Casamenteira Liew parecia imperturbável, como se a sua profissão envolvesse muitas vezes acusações de tráfico sexual.

— Estás prestes a ser uma rapariga de muita sorte, querida — disse ela. A sua voz era alegre e falsamente doce. — Gostavas de saber porquê?

Rin agarrou-se à beira da sua cadeira e olhou para os lábios vermelhos da Casamenteira Liew.

— Não.

O sorriso da Casamenteira Liew tornou-se rígido.

— Não és uma querida?

O que acontecera era que, afinal, depois de uma longa e árdua busca, a Casamenteira Liew encontrara um homem em Tikany disposto a casar com Rin. Era um comerciante rico que ganhava a vida a importar orelhas de porco e barbatanas de tubarão. Era duas vezes divorciado e tinha o triplo da idade dela.

— Não é maravilhoso? — A Casamenteira Liew fez um sorriso rasgado.

Rin correu para a porta. Não tinha dado dois passos quando a mão da tia Fang a agarrou pelo pulso.

Rin sabia o que se seguiria. Preparou-se para o golpe, para os pontapés nas costelas onde as nódoas negras não se veriam, mas a tia Fang apenas a arrastou de volta para a cadeira.

— Vais *comportar-te* — sussurrou ela e os seus dentes cerrados prometiam castigos futuros. Mas não agora, não em frente da Casamenteira Liew.

A tia Fang gostava de manter a sua crueldade privada.

A Casamenteira Liew pestanejou, alheia a tudo.

— Não tenhas medo, querida. Isto é emocionante!

Rin sentiu-se tonta. Virou-se para encarar os seus pais adotivos, lutando para manter a voz controlada.

— Achei que precisavam de mim na loja. — De alguma forma, foi a única coisa que ela conseguiu pensar em dizer.

— O Kesegi pode tratar da loja — disse a tia Fang.

— O Kesegi tem *oito anos*.

— Ele vai crescer em breve. — Os olhos da tia Fang brilharam. — E o teu futuro marido é o inspetor de importações da aldeia.

Rin compreendeu, então. Os Fangs estavam a fazer uma simples troca: uma órfã adotiva em troca do quase monopólio do mercado negro de ópio de Tikany.

O tio Fang tomou um longo trago do seu cachimbo e exalou, enchendo a sala com um fumo espesso e enjoativo.

— Ele é um homem rico. Vais ser feliz.

Não, os *Fangs* seriam felizes. Poderiam importar ópio a granel sem enterrarem muito dinheiro em subornos. Mas Rin manteve a boca fechada; mais argumentos apenas trariam dor. Era óbvio que os Fangs iriam obrigá-la a casar nem que tivessem de a arrastar até ao leito nupcial.

Eles nunca tinham querido Rin. Tinham-na acolhido em bebé apenas porque a ordem da Imperatriz, após a Segunda Guerra das Papoilas, forçara as famílias com menos de três filhos a adotar órfãos de guerra que de outra forma se tornariam ladrões e mendigos.

Dado que o infanticídio era desaprovado em Tikany, os Fangs puseram Rin a trabalhar como vendedora na loja e a entregar ópio assim que ela alcançara uma idade suficiente para saber contar. Ainda assim, apesar de todo o trabalho gratuito que ela fazia, o custo do sustento e alimentação de Rin era mais do que os Fangs queriam suportar. Esta era a sua oportunidade de se livrarem do fardo financeiro que ela representava.

Este comerciante podia alimentar e vestir Rin pelo resto da sua vida, explicou a Casamenteira Liew. Tudo o que ela tinha de fazer era servi-lo com ternura, como uma boa esposa, dar-lhe bebés e cuidar da sua casa (a qual, como a Casamenteira Liew salientou, tinha não uma, mas *duas* casas de banho interiores). Era uma oportunidade muito melhor do que uma órfã de guerra como Rin, sem família ou conexões, poderia esperar alcançar.

Um marido para Rin, dinheiro para a casamenteira e drogas para os Fangs.

— Uau — disse Rin com voz fraca. O chão pareceu oscilar debaixo dos seus pés. — Isso é ótimo. Muito bom. Formidável.

A Casamenteira Liew fez um largo sorriso, mais uma vez.

Rin escondeu o pânico e lutou para manter a respiração nivelada até a casamenteira ter saído. Curvou-se perante os Fangs e, como uma filha adotiva obediente, expressou os seus agradecimentos pelas dificuldades por que eles tinham passado para lhe garantir um futuro tão estável.

Voltou para a loja. Trabalhou em silêncio até escurecer, anotou pedidos, catalogou o inventário e registou novas encomendas no livro-razão.

Um dos problemas da gestão de inventários era ser preciso ter muito cuidado com a forma como se escreviam os números. Era tão simples fazer um nove parecer um oito e mais fácil ainda fazer o número um parecer um sete…

Muito tempo depois de o Sol desaparecer, Rin fechou a loja e trancou a porta atrás de si.

A seguir, enfiou um pacote de ópio roubado debaixo da camisa e correu.

— Rin? — Um homem pequeno e enrugado abriu a porta da biblioteca e olhou para ela. — Grande Tartaruga! Que estás a fazer aqui fora? Está a chover imenso.

— Vim devolver um livro — disse ela, estendendo-lhe uma bolsa impermeável. — Além disso, vou-me casar.

— Oh. Oh! O quê? Entra.

O Tutor Feyrik dava aulas noturnas gratuitas às crianças camponesas de Tikany, as quais de outra forma teriam crescido analfabetas. Rin

confiava nele acima de qualquer outra pessoa e compreendia as suas fraquezas melhor do que ninguém.

Isso fazia dele o pivô central no seu plano de fuga.

— A jarra desapareceu — observou ela, enquanto olhava em redor da biblioteca apinhada.

O Tutor Feyrik acendeu uma pequena chama na lareira e colocou duas almofadas diante dela. Fez sinal para ela se sentar.

— Má decisão. Má noite em geral, para dizer a verdade.

O Tutor Feyrik tinha uma adoração infeliz pelo Divisões, um jogo imensamente popular jogado nos antros de jogo de Tikany. Não seria tão perigoso se ele fosse melhor jogador.

— Isso não faz sentido — disse o Tutor Feyrik depois de Rin lhe contar as notícias da casamenteira. — Porque é que os Fangs te casariam? Não és a melhor fonte de trabalho não remunerado deles?

— Sim, mas eles acham que serei mais útil na cama do inspetor de importações.

O Tutor Feyrik pareceu revoltado.

— Os teus pais são uns idiotas.

— Então, o senhor vai fazê-lo — disse ela esperançosa. — Vai-me ajudar.

Ele suspirou.

— Minha querida, se a tua família te tivesse deixado estudar comigo quando eras mais nova, poderíamos ter considerado isto… Eu *disse* aos Fangs na altura, *disse-lhe* a ela, que eras capaz de ter potencial. Mas, neste momento, estás a falar do impossível.

— Mas…

Ele ergueu a mão.

— Mais de vinte mil alunos fazem o Keju todos os anos e apenas cerca de três mil entram nas academias. Desses, apenas um punhado de testes são de Tikany. Estarias a competir com crianças ricas, filhos de comerciantes, filhos de nobres, que estudaram para isto a vida toda.

— Mas eu também tive aulas consigo. Quão difícil é que pode ser?

Ele riu-se perante o comentário.

— Tu sabes ler e sabes usar um ábaco, mas esse não é o tipo de preparação necessária para passares no Keju. O Keju testa um conhecimento profundo de história, matemática avançada, lógica e os Clássicos…

— As Quatro Nobres Disciplinas, eu sei — disse ela com impaciência. — Mas eu leio rápido. Conheço mais caracteres do que a maioria dos adultos desta aldeia. Sem dúvida, mais do que os Fangs. Eu consigo acompanhar os seus alunos se me deixar tentar. Nem sequer preciso de assistir à recitação. Só preciso dos livros.

— Ler livros é uma coisa — disse o Tutor Feyrik. — Prepares-te para o Keju é um esforço completamente diferente. Os meus alunos do Keju passam a vida inteira a estudar para isso; nove horas por dia, sete dias por semana. Tu passas mais tempo do que isso a trabalhar na loja.

— Eu posso estudar na loja — protestou ela.

— Não tens responsabilidades a sério?

— Eu sou boa a… hum, fazer várias tarefas ao mesmo tempo.

Ele fitou-a com ceticismo por um instante e depois abanou a cabeça.

— Só terias dois anos. Não pode ser feito.

— Mas não tenho outras opções — disse ela estridentemente.

Em Tikany, uma rapariga solteira como Rin valia menos do que um galo homossexual. Ela poderia passar a vida como empregada doméstica nalguma casa rica — se encontrasse as pessoas certas para subornar. Caso contrário, as suas opções eram uma combinação de prostituição e mendicância.

Ela estava a ser dramática, mas não exagerada. Poderia sair da cidade, provavelmente com ópio roubado suficiente para comprar uma passagem numa caravana para outra província… mas para onde? Não tinha amigos nem família, ninguém para a ajudar se fosse assaltada ou sequestrada. Não tinha capacidades comercializáveis. Nunca tinha saído de Tikany, não sabia nada sobre sobreviver na cidade.

E se a apanhassem com tanto ópio… A posse de ópio era um crime grave no Império. Ela seria arrastada até à praça da cidade e decapitada publicamente como a mais recente vítima na inútil guerra da Imperatriz contra as drogas.

Só tinha esta opção. Tinha de convencer o Tutor Feyrik.

Ela ergueu o livro que viera devolver.

— Este é o Mengzi. *Reflexões Sobre o Estado*. Só o tive durante três dias, certo?

— Sim — disse ele sem verificar o seu registo.

Ela entregou-lho.

— Leia-me uma passagem. Qualquer uma.

O Tutor Feyrik ainda parecia cético, mas abriu o livro no meio para lhe fazer a vontade.

— «O sentimento de comiseração é o princípio da…»

— «… benevolência» — terminou ela. — «O sentimento de vergonha e antipatia é o princípio da retidão. O sentimento de modéstia e complacência é o princípio de… o princípio de, hum, da decência. E o sentimento de aprovação e desaprovação é o princípio do conhecimento.»

Ele ergueu uma sobrancelha

— E que é que isso significa?

— Não faço ideia — admitiu ela. — Sinceramente, não percebo o Mengzi. Apenas o decorei.

Ele virou as páginas até ao final do livro, selecionou outra passagem e leu:

— «A ordem está presente no reino terrestre quando todos os seres compreendem o seu lugar. Todos os seres compreendem o seu lugar quando cumprem os papéis que lhes são definidos. O peixe não tenta voar. A doninha não tenta nadar. Somente quando cada ser respeita a ordem celestial pode haver paz.» — Ele fechou o livro e ergueu o olhar. — E esta passagem? Percebes o que significa?

Ela sabia o que o Tutor Feyrik lhe estava a tentar dizer.

Os nikara acreditavam em papéis sociais claramente definidos, uma hierarquia rígida à qual todos estavam presos desde o nascimento. Tudo tinha o seu lugar próprio debaixo do céu. Os Pequenos Príncipes tornavam-se Senhores da Guerra, os cadetes tornavam-se soldados e as vendedoras órfãs de Tikany deviam contentar-se em permanecer vendedoras órfãs de Tikany. O Keju era uma instituição supostamente meritocrática, mas apenas a classe rica tinha dinheiro para pagar os tutores de que os seus filhos precisavam para passar.

Bem, que se lixasse a ordem celestial das coisas. Se casar com um velho nojento era o seu papel predeterminado nesta terra, então, Rin estava determinada a reescrevê-lo.

— Significa que sou muito boa a memorizar longas passagens de baboseiras — disse ela.

O Tutor Feyrik ficou em silêncio por um momento.

— Tu não tens uma memória eidética — disse ele finalmente. — Eu ensinei-te a ler. Eu saberia.

— Não tenho — reconheceu ela. — Mas sou teimosa, estudo afincadamente e não quero casar de maneira nenhuma. Demorei três dias para decorar o Mengzi. É um livro pequeno, portanto, vou precisar provavelmente de uma semana inteira para os textos mais longos. Mas quantos textos estão na lista do Keju? Vinte? Trinta?

— Vinte e sete.

— Então, vou decorá-los a todos. Cada um deles. É tudo o que precisamos para passar no Keju. As outras disciplinas não são assim tão difíceis; são os Clássicos que enganam as pessoas. Foi o que o senhor me disse.

O Tutor Feyrik estava agora a semicerrar os olhos e a sua expressão já não era cética, mas sim calculada. Ela conhecia aquela expressão. Era a mesma que ele fazia quando estava a tentar prever os seus ganhos no Divisões.

Em Nikan, o sucesso de um tutor estava ligado à sua reputação pelos resultados no Keju. Ele atrairia clientes se os seus alunos entrassem numa academia. Mais alunos significava mais dinheiro e, para um jogador endividado como o Tutor Feyrik, cada novo aluno contava. Se Rin passasse no teste e entrasse numa academia, o influxo de estudantes seguinte poderia livrar o Tutor Feyrik de algumas dívidas desagradáveis.

— As inscrições têm sido lentas este ano, não é? — insistiu ela.

Ele fez uma careta.

— É um ano de seca. Claro que as admissões são lentas. Poucas famílias querem pagar as mensalidades quando os seus filhos têm poucas hipóteses de passar de qualquer maneira.

— Mas eu consigo passar — disse ela. — E, quando o fizer, o senhor terá um aluno que entrou numa academia. Que é que acha que isso vai fazer quanto às inscrições?

Ele abanou a cabeça.

— Rin, eu não poderia de boa-fé aceitar o dinheiro da tua mensalidade.

Aquilo representava um segundo problema. Ela tomou coragem e fitou-o nos olhos.

— Não faz mal. Eu não posso pagar a mensalidade.

Ele recuou visivelmente.

— Não ganho nada na loja — disse Rin antes que ele pudesse falar. — O inventário não é meu e não recebo nenhum salário. Preciso que o senhor me ajude a estudar para o Keju sem nenhum custo e duas vezes mais rápido do que ensina aos seus outros alunos.

O Tutor Feyrik começou novamente a abanar a cabeça.

— Minha querida, eu não posso… isto é…

Era a altura de jogar a sua última cartada. Rin tirou a sua sacola de couro de debaixo da cadeira e atirou-a para cima da mesa. Esta bateu na madeira com um estalo sólido e satisfatório.

Os olhos do Tutor Feyrik seguiram-na avidamente, enquanto ela enfiava a mão na sacola e tirava um pacote pesado de cheiro doce. Depois outro. E mais outro.

— Isto é o equivalente a seis taéis de ópio de primeira qualidade — disse ela calmamente. Seis taéis era metade do que o Tutor Feyrik poderia ganhar num ano inteiro.

— Roubaste isso aos Fangs — disse ele inquieto.

Ela encolheu os ombros.

— O contrabando é um negócio difícil. Os Fangs conhecem o risco. Há sempre pacotes que desaparecem. Não é algo que eles possam denunciar ao magistrado.

Ele remexeu nos seus longos bigodes.

— Não quero ter problemas com os Fangs.

Ele tinha boas razões para os temer. As pessoas em Tikany não irritavam a tia Fang, não se se preocupassem com a sua segurança pessoal. Ela era paciente e imprevisível como uma cobra. Podia deixar os erros

passarem sem serem notados durante anos e depois atacar com uma dose envenenada estrategicamente colocada.

Mas Rin cobrira o seu rasto.

— Um dos carregamentos dela foi confiscado pelas autoridades portuárias na semana passada — disse Rin. — E ela ainda não teve tempo de fazer o inventário. Acabei de marcar estes pacotes como perdidos. Ela não sabe onde eles estão.

— Eles podem bater-te.

— Não muito. — Rin forçou um encolher de ombros. — Não podem dar uma mercadoria danificada em casamento.

O Tutor Feyrik estava a olhar para a sacola com óbvia ganância.

— Combinado — disse ele finalmente e estendeu a mão para o ópio.

Ela tirou-o do alcance dele.

— Quatro condições: uma, o senhor ensina-me; duas, ensina-me de graça; três, não fuma quando me estiver a ensinar; e quatro, se disser a alguém onde arranjou isto, eu digo aos seus credores onde o podem encontrar.

O Tutor Feyrik fitou-a irritado por um longo momento e depois assentiu.

Ela pigarreou.

— Além disso, quero ficar com este livro.

Ele fez-lhe um sorriso irónico.

— *Darias* uma prostituta terrível. Nenhum charme.

— Não — disse a tia Fang. — Precisamos de ti na loja.

— Eu estudo à noite — disse Rin. — Ou fora do horário de expediente.

O rosto da tia Fang franziu-se enquanto ela esfregava o *wok*. Tudo na tia Fang era grosseiro: a sua expressão, uma demonstração clara de impaciência e irritação; os seus dedos, vermelhos das horas a limpar e a lavar; e a sua voz, rouca de tanto gritar com Rin, com o seu filho Kesegi, com os seus contrabandistas contratados e com o tio Fang, deitado inerte no seu quarto cheio de fumo.

— Que é que lhe prometeste? — quis ela saber, desconfiada.

Rin ficou rígida.

— Nada.

A tia Fang bateu abruptamente com o *wok* na bancada. Rin estremeceu, subitamente aterrorizada por o seu roubo poder ter sido descoberto.

— Qual é o problema de te casares? — quis saber a tia Fang. — Eu casei com o teu tio quando era mais nova do que tu és agora. Todas as outras raparigas desta aldeia já estarão casadas quando tiverem dezasseis anos. Achas que és assim tão melhor do que elas?

Rin ficou tão aliviada que teve de se lembrar de que tinha de parecer devidamente admoestada.

— Não. Quero dizer, não acho.

— Achas que vai ser assim tão mau? — A voz da tia Fang ficou perigosamente baixa. — O que é, a sério? Tens medo de partilhar a cama com ele?

Rin nem sequer tinha considerado isso, mas agora a mera ideia fez a sua garganta fechar-se.

A tia Fang curvou os lábios, divertida.

— A primeira noite é a pior, confesso. Mantém um chumaço de algodão na boca para não morderes a língua. Não grites, a menos que ele queira. Mantém a cabeça baixa e faz o que ele disser; torna-te a pequena escrava doméstica muda dele até ele confiar em ti. Então, assim que ele o fizer, começas a enchê-lo de ópio. Só um pouco no início, embora eu duvide de que ele nunca tenha fumado antes. Depois, dás-lhe cada vez mais todos os dias. Fá-lo à noite, logo depois de ele acabar de estar contigo, para ele o associar sempre ao prazer e ao poder.

» Dá-lhe cada vez mais até ele estar totalmente dependente do ópio e de ti. Deixa que lhe destrua o corpo e a mente. Estarás mais ou menos casada com um cadáver que respira, sim, mas terás as riquezas dele, as suas propriedades e o seu poder. — A tia Fang inclinou a cabeça. — Então, será que te vai custar assim tanto partilhares a cama com ele?

Rin queria vomitar.

— Mas eu…

— É das crianças que tens medo? — A tia Fang inclinou a cabeça. — Existem maneiras de as matar no útero. Tu trabalhas no boticário. Sabes disso. Contudo, é melhor dares-lhe pelo menos um filho.

Cimenta a tua posição como primeira esposa, para ele não poder torrar os seus bens numa concubina.

— Mas eu não quero isso — conseguiu Rin exclamar. *Não quero ser como a senhora.*

— E quem é que se importa com o que tu queres? — perguntou a tia Fang suavemente. — És uma *órfã de guerra*. Não tens pais, nem posição, nem conexões. Tens sorte por o inspetor não se importar que não sejas bonita, apenas que sejas jovem. Isto é o melhor que posso fazer por ti. Não haverá mais oportunidades.

— Mas o Keju…

— *Mas o Keju* — imitou a tia Fang. — Quando é que ficaste tão iludida? Achas que vais para uma academia, *tu*?

— Acho que sim. — Rin endireitou-se e tentou injetar confiança nas suas palavras. *Acalma-te. Ainda tens uma vantagem.* — E a senhora vai-me deixar, porque um dia as autoridades podem começar a perguntar de onde vem o ópio.

A tia Fang examinou-a por um longo momento.

— Queres morrer? — perguntou.

Rin sabia que não era uma ameaça vã. A tia Fang estava mais do que disposta a atar as suas pontas soltas. Rin já a vira fazê-lo antes e passara a maior parte da sua vida a tentar garantir que *nunca* se tornaria uma ponta solta.

Mas agora podia contra-atacar.

— Se eu desaparecer, o Tutor Feyrik contará às autoridades exatamente o que me aconteceu — disse ela em voz alta. — E vai dizer ao seu filho o que a senhora fez.

— O Kesegi não se vai importar — troçou a tia Fang.

— Eu criei o Kesegi. Ele ama-me — disse Rin. — E a senhora ama-o. Não quer que ele saiba o que faz. É por isso que não o manda para a loja e é também por isso que me obriga a mantê-lo no nosso quarto quando sai para se encontrar com os seus contrabandistas.

Aquilo foi o suficiente. A tia Fang ficou a olhar para ela de boca aberta e narinas dilatadas.

— Deixe-me pelo menos tentar — implorou Rin. — Não fica prejudicada se me deixar estudar. Se eu passar, então, livra-se de mim, pelo menos, e se eu falhar continua a ter uma noiva.

A tia Fang agarrou no *wok*. Rin ficou instintivamente tensa, mas a tia Fang apenas voltou a esfregá-lo com ímpeto.

— Se estudares na loja ponho-te na rua — disse a tia Fang. — Não quero que isto chegue aos ouvidos do inspetor.

— Combinado — mentiu Rin com todos os dentes.

A tia Fang soltou uma risada.

— E o que acontece se entrares? Quem é que vai pagar a tua mensalidade, o teu querido e empobrecido tutor?

Rin hesitou. Tinha estado à espera de que os Fangs lhe dessem o dinheiro do dote para pagar as mensalidades, mas via agora que isso fora uma esperança idiota.

— As mensalidades em Sinegard são gratuitas — salientou.

A tia Fang riu-se às gargalhadas.

— Sinegard! Achas que vais passar no teste para Sinegard?

Rin ergueu o queixo.

— É possível.

A academia militar de Sinegard era a instituição mais prestigiada do Império, um campo de treino para futuros generais e estadistas. Raramente ou nunca recrutava no Sul rural.

— Estás *mesmo* iludida. — A tia Fang riu-se novamente. — Muito bem, estuda se quiseres, se isso te deixa feliz. Está à vontade, faz o Keju. Mas, quando falhares, *vais* casar com aquele inspetor. E ficarás grata.

Naquela noite, enquanto segurava uma vela roubada no chão do quarto apertado que dividia com Kesegi, Rin abriu o seu primeiro manual do Keju.

O Keju testava as Quatro Disciplinas Nobres: história, matemática, lógica e os Clássicos. A burocracia imperial em Sinegard considerava esses assuntos parte integrante do desenvolvimento de um académico e de um estadista. Rin tinha de os aprender a todos até ao seu décimo sexto aniversário.

Estabeleceu um horário apertado para si mesma: tinha de terminar pelo menos dois livros por semana e alternar entre duas disciplinas todos os dias. Todas as noites, depois de fechar a loja, corria até casa do Tutor Feyrik e voltava para casa com os braços carregados com mais livros.

A história era a disciplina mais fácil de aprender. A história de Nikan era uma saga bastante entusiasmante de guerra constante. O Império tinha sido formado há um milénio sob a poderosa espada do impiedoso Imperador Vermelho, que destruíra as ordens monásticas espalhadas pelo continente e criara um estado unificado de tamanho sem precedentes. Fora a primeira vez que o povo nikara se concebera como uma nação única. O Imperador Vermelho padronizara a língua nikara, emitira um conjunto uniforme de pesos e medidas e construíra um sistema de estradas que ligavam o seu extenso território.

Mas o recém-concebido Império Nikara não sobrevivera à morte do Imperador Vermelho. Os seus muitos herdeiros transformaram o país numa confusão sangrenta durante a Era dos Reinos Combatentes que se seguiu, a qual dividiu Nikan em doze províncias rivais.

Desde então, o enorme país fora reunificado, conquistado, explorado, despedaçado e depois unificado novamente. Por sua vez, Nikan estivera em guerra com os cãs[1] da Hinterlândia, a norte, e com os ocidentais altos do outro lado do grande mar. Em ambas as vezes, Nikan provou ser demasiado grande para sofrer uma ocupação estrangeira durante muito tempo.

De todas as tentativas para conquistar Nikan, a Federação de Mugen fora a que chegara mais perto. O país insular atacara Nikan numa altura em que a turbulência doméstica entre as províncias estava no auge. Foram necessárias duas Guerras das Papoilas e cinquenta anos de ocupação sangrenta para Nikan reconquistar a sua independência.

A Imperatriz Su Daji, o último membro vivo da *troika* que assumira o controlo do estado durante a Segunda Guerra das Papoilas, governava agora um país de doze províncias, que nunca conseguira alcançar a mesma unidade que o Imperador Vermelho tinha imposto.

O Império Nikara provara ser historicamente inconquistável. Mas era também instável e desunido e o período atual de paz não prometia durabilidade.

Se havia uma coisa que Rin aprendera sobre a história do seu país, era que a única coisa permanente no Império Nikara era a guerra.

[1] Cã: título histórico dado a um governante em algumas nações da Ásia. (*N. da T.*)

A segunda disciplina, a matemática, era árdua. Não era demasiado difícil, mas era aborrecida e cansativa. O Keju não procurava génios matemáticos, mas sim estudantes que conseguissem acompanhar assuntos como as finanças do país e tratar da contabilidade. Rin fazia a contabilidade dos Fangs desde que sabia somar. Era naturalmente apta para lidar mentalmente com grandes somas. Ainda precisava de melhorar nos teoremas trigonométricos mais abstratos, os quais supunha serem importantes para as batalhas navais, mas descobriu que aprendê-los era agradavelmente simples.

A terceira secção, a lógica, era totalmente estranha para ela. O Keju apresentava enigmas lógicos como perguntas abertas. Ela abriu um exemplo de exame para praticar. A primeira pergunta dizia: «Um estudioso viajando por uma estrada bastante percorrida passa por uma pereira. A árvore está carregada de frutos tão pesados que os galhos se dobram com o peso. No entanto, ele não colhe a fruta. Porquê?»

Porque a pereira não é dele, pensou Rin imediatamente. *Porque a dona pode ser a tia Fang e partir-lhe a cabeça com uma pá*. Mas essas respostas eram morais ou contingentes e a resposta ao enigma tinha de estar contida na própria pergunta. Devia haver alguma falácia, alguma contradição no cenário dado.

Rin teve de pensar durante bastante tempo até encontrar a resposta: *se uma árvore numa estrada bastante percorrida tinha assim tantos frutos, então devia haver algo errado com os frutos.*

Quanto mais ela praticava, mais via as perguntas como jogos. Descobri-los era muito gratificante. Rin desenhou diagramas na terra, estudou as estruturas dos silogismos e memorizou as falácias lógicas mais comuns. Em poucos meses, conseguia responder a esse tipo de perguntas em meros segundos.

A sua pior disciplina era, de longe, os Clássicos. Era a exceção na sua agenda rotativa. Ela tinha de estudar os Clássicos todos os dias.

Esta secção do Keju exigia que os alunos recitassem, analisassem e comparassem textos de um cânone predeterminado de vinte e sete livros. Esses livros não tinham sido redigidos na escrita moderna, mas sim em Nikara Antigo, o qual era famoso por conter padrões gramaticais imprevisíveis e pronúncias complicadas. Os livros continham

poemas, tratados filosóficos e ensaios sobre política escritos por eruditos lendários do passado de Nikan. Tinham sido criados para moldar o caráter moral dos futuros estadistas da nação e eram, sem exceção, irremediavelmente confusos.

Ao contrário da lógica e da matemática, Rin não conseguia decifrar os Clássicos por meio do raciocínio. Os Clássicos exigiam uma base de conhecimentos que a maioria dos alunos vinha construindo lentamente desde que sabiam ler. Em dois anos, Rin tinha de simular mais de cinco anos de estudo constante.

Para esse fim, ela alcançou feitos extraordinários de memorização mecânica.

Ela recitava de trás para a frente enquanto caminhava pela beira das velhas muralhas defensivas que rodeavam Tikany. Recitava com o dobro da velocidade enquanto saltitava de poste em poste sobre o lago. Murmurava para si mesma na loja, reagindo irritada sempre que os clientes lhe pediam ajuda. Não se deixava adormecer a menos que tivesse recitado as lições daquele dia sem erros. Acordava a cantar analectos clássicos, o que aterrorizava Kesegi, que achava que ela tinha sido possuída por fantasmas. E, de certa forma, tinha sido — ela sonhava com poemas antigos de vozes há muito mortas e despertava a tremer com pesadelos nos quais tinha dito tudo mal.

«*O Caminho do Céu opera incessantemente e não deixa acúmulo algum da sua influência em nenhum lugar específico, de modo que todas as coisas são levadas à perfeição por ele… assim opera o Caminho e todos debaixo do céu se voltam para eles e todos dentro dos mares se submetem a eles.*»

Rin largou os *Anais* de Zhuangzi e franziu o sobrolho. Não só não fazia ideia sobre o que é que Zhuangzi escrevera, como também não conseguia entender por que razão ele insistira em escrever da maneira mais irritantemente verbosa possível.

Ela compreendia muito pouco do que lia. Até mesmo os estudiosos da Montanha Yuelu tinham dificuldade em perceber os Clássicos, portanto, não se poderia esperar que ela entendesse o seu significado sozinha. E porque não tinha tempo nem treino para aprofundar os textos — e não conseguia pensar em mnemónicas úteis, atalhos para

aprender os Clássicos —, ela tinha simplesmente de os aprender palavra por palavra e esperar que isso fosse suficiente.

Levava sempre um livro para todo o lado. Estudava enquanto comia. Quando se cansava, evocava imagens na sua mente, contando a si mesma a história do pior futuro possível.

Segues pelo corredor com um vestido que não te serve. Estás a tremer. Ele está à espera na outra ponta. Olha para ti como se fosses um porco gordo e suculento, um pedaço de carne marmoreado que ele comprou. Espalha saliva sobre os lábios secos. Não desvia o olhar de ti durante todo o banquete. Quando tudo acaba, leva-te para o quarto. Empurra-te para cima dos lençóis.

Ela estremeceu. Fechou os olhos com força. Reabriu-os e encontrou o seu lugar na página.

No seu décimo quinto aniversário, Rin já tinha uma grande quantidade da literatura antiga de Nikan na cabeça e conseguia recitar a maior parte. Contudo, ainda cometia erros: palavras em falta, troca de orações complexas, mistura da ordem das estrofes.

Ela sabia que aquilo era bom o suficiente para fazer um teste para uma faculdade de professores ou para uma academia de medicina. Suspeitava de que poderia até conseguir entrar no instituto dos académicos na Montanha Yuelu, onde as mentes mais brilhantes de Nikan produziam obras de literatura impressionantes e ponderavam nos mistérios do mundo natural.

Mas ela não podia pagar nenhuma dessas academias. *Tinha* de entrar em Sinegard. Tinha de integrar a percentagem de alunos com a pontuação mais alta não apenas da vila, mas de todo o país. Caso contrário, os seus dois anos de estudo seriam desperdiçados.

Tinha de tornar a sua memória perfeita.

Rin deixou de dormir.

Os seus olhos tornaram-se vermelhos, inchados, e a cabeça girava-lhe devido aos dias de estudo. Quando uma noite visitou o Tutor Feyrik em casa dele, para ir buscar um novo conjunto de livros, o seu olhar era desesperado, sem foco. Ela olhava para lá dele enquanto ele falava. As palavras dele passavam-lhe por cima da cabeça como nuvens; ela mal registava a sua presença.

— Rin. Olha para mim.

Ela inspirou bruscamente e forçou os olhos a concentrarem-se na forma difusa dele.

— Como te estás a aguentar? — perguntou ele.

— Não consigo fazer isto — sussurrou ela. — Só tenho mais dois meses e não consigo fazer isto. Está tudo a sair da minha cabeça à mesma velocidade com que o meto lá dentro e… — O peito dela subia e descia muito depressa.

— Oh, Rin.

As palavras jorraram-lhe da boca. Ela falou sem pensar.

— Que acontece se eu não passar? E se eu me casar depois de tudo isto? Acho que o posso matar. Sufocá-lo durante o sono, sabe? Será que herdaria a fortuna dele? Seria bom, não seria? — Começou a rir histericamente. Lágrimas desceram-lhe pelas faces. — É mais fácil do que drogá-lo. Nunca ninguém *saberia*.

O Tutor Feyrik levantou-se rapidamente e puxou um banquinho.

— Senta-te, criança.

Rin tremeu.

— Não posso. Ainda tenho de rever os *Analectos* de Fuzi antes de amanhã.

— Runin. Senta-te.

Ela afundou-se no banquinho.

O Tutor Feyrik sentou-se diante dela e segurou-lhe nas mãos.

— Vou contar-te uma história — disse ele. — Certa vez, não há muito tempo, havia um estudioso de uma família muito pobre. Era demasiado fraco para trabalhar longas horas nos campos e a sua única hipótese de sustentar os pais na velhice era obter um cargo no governo para receber um salário robusto. Para o fazer, tinha de se matricular numa academia. Com o resto do seu dinheiro, o estudioso comprou um conjunto de livros didáticos e inscreveu-se no Keju. Estava muito cansado, porque trabalhava o dia todo no campo e só podia estudar à noite.

Os olhos de Rin fecharam-se. Os seus ombros estremeceram e ela reprimiu um bocejo.

O Tutor Feyrik fez estalar os dedos diante dos olhos dela.

— O estudioso tinha de encontrar uma maneira de ficar acordado. Então, prendeu a ponta da sua trança ao teto para que sempre que caísse para a frente o seu cabelo lhe puxasse o couro cabeludo e a dor o acordasse. — O Tutor Feyrik sorriu com simpatia. — Estás quase lá, Rin. Só um pouco mais. Por favor, não cometas um homicídio conjugal.

Mas ela tinha parado de ouvir.

— A dor fê-lo concentrar-se — disse ela.

— Não era isso que eu estava a tentar…

— A dor fê-lo concentrar-se — repetiu ela.

A dor poderia fazê-*la* concentrar-se.

Rin passou a manter uma vela perto dos livros, que lhe pingava cera quente para o braço se ela adormecesse. Então, os seus olhos lacrimejavam de dor, ela enxugava as lágrimas e retomava os estudos.

No dia em que fez o exame, os seus braços estavam cobertos de cicatrizes de queimaduras.

Depois, o Tutor Feyrik perguntou-lhe como correra o teste. Ela não lhe conseguiu dizer. Dias mais tarde, ainda não se conseguia lembrar daquelas horas horríveis e extenuantes. Eram uma lacuna na sua memória. Quando se tentava lembrar de como tinha respondido a uma pergunta específica, o seu cérebro paralisava e não a deixava recordar.

Ela não queria recordar. Nunca mais queria pensar naquilo novamente.

Sete dias até os resultados saírem. Cada caderno da província tinha de ser verificado, reverificado e verificado novamente.

Para Rin, aqueles dias foram insuportáveis. Mal dormia. Nos últimos dois anos, tinha preenchido os seus dias com um estudo frenético, mas agora não tinha nada para fazer — o seu futuro estava fora das suas mãos e saber disso fazia-a sentir-se muito pior.

Estava a deixar toda a gente doida com a sua ansiedade. Cometia erros na loja. Criou uma confusão nos inventários. Repreendia Kesegi e discutia com os Fangs mais do que devia.

Mais de uma vez, pensou em roubar outro maço de ópio e fumá-lo. Tinha ouvido falar de mulheres na aldeia que tinham cometido suicídio engolindo pepitas de ópio inteiras. A meio da noite, também ela considerava isso.

Tudo estava em animação suspensa. Ela sentia-se como se estivesse à deriva, com toda a sua existência reduzida a uma única classificação.

Pensou em fazer planos de contingência, preparativos para escapar da aldeia no caso de, afinal, não passar no teste. Mas a sua mente recusava-se a deter-se no assunto. Não conseguia conceber uma vida após o Keju porque podia não haver uma vida após o Keju.

Rin tornou-se tão desesperada que, pela primeira vez na sua vida, rezou.

Os Fangs estavam longe de ser religiosos. Visitavam esporadicamente o templo da aldeia, na melhor das hipóteses, principalmente para trocar pacotes de ópio atrás do altar dourado.

Não estavam sozinhos na sua falta de devoção religiosa. Em tempos, as ordens monásticas tinham exercido uma influência ainda maior no país do que os Senhores da Guerra exerciam agora, mas, então, o Imperador Vermelho invadira o continente na sua busca gloriosa pela unificação, deixando atrás de si monges massacrados e templos vazios.

As ordens monásticas tinham desaparecido, mas os deuses permaneceram; inúmeras divindades que representavam todas as categorias, desde os temas abrangentes do amor e da guerra até às preocupações mundanas das cozinhas e das casas. Essas tradições eram mantidas vivas algures por devotos que se tinham escondido, mas a maioria dos aldeões em Tikany frequentava os templos apenas por hábito ritualístico. Ninguém acreditava realmente ou, pelo menos, ninguém que ousava admiti-lo. Para os nikara, os deuses eram apenas relíquias do passado; o tema de mitos e lendas, mas nada mais.

Mas Rin não ia arriscar. Saiu furtivamente da loja uma tarde e levou uma oferenda de bolinhos e raiz de lótus recheada até aos pedestais dos Quatro Deuses.

O templo estava muito silencioso. Ao meio-dia, ela era a única lá dentro. Quatro estátuas olharam mudas para ela através dos seus olhos pintados. Rin hesitou diante delas. Não estava inteiramente certa sobre a qual delas devia rezar.

Sabia os seus nomes, é claro — o Tigre Branco, a Tartaruga Negra, o Dragão Celeste e o Pássaro Escarlate — e sabia que representavam as quatro direções cardeais, mas eles formavam apenas um pequeno subconjunto do vasto panteão de divindades que eram adoradas em

Nikan. Este templo também continha altares para os deuses guardiões menores, cujas imagens apareciam em pergaminhos pendurados nas paredes.

Tantos deuses. Qual seria o deus dos resultados dos testes? Qual seria o deus das vendedoras solteiras que desejavam continuar assim?

Ela decidiu simplesmente orar a todos.

— Se existem, se estão aí em cima, ajudem-me. Deem-me uma forma de sair deste buraco. Ou, se não o puderem fazer, causem um ataque cardíaco ao inspetor das importações.

Ela olhou em redor do templo vazio. Que fazer a seguir? Sempre supusera que rezar envolvia mais do que apenas falar em voz alta. Notou vários paus de incenso não utilizados ao lado do altar. Acendeu a ponta de um deles mergulhando-o na braseira e depois abanou-o experimentalmente no ar.

Será que devia erguer o fumo para os deuses? Ou fumar ela mesma o pau? Tinha acabado de levar a ponta queimada ao nariz quando um cuidador do templo saiu de trás do altar.

Olharam um para o outro.

Lentamente, Rin retirou o incenso da narina.

— Olá — disse ela. — Estou a rezar.

— Por favor, saia — disse ele.

Os resultados dos exames iam ser afixados ao meio-dia no exterior da sala de exames.

Rin fechou a loja cedo e, meia hora antes, dirigiu-se ao centro da vila com o Tutor Feyrik. Uma grande multidão já se tinha reunido em redor do poste, portanto, eles encontraram um canto à sombra a cem metros de distância e esperaram.

Havia tantas pessoas juntas na entrada que Rin não conseguiu ver quando os pergaminhos foram afixados, mas soube-o porque, de repente, começaram todos a gritar e a multidão correu para a frente, empurrando firmemente Rin e o Tutor Feyrik no meio das pessoas.

O coração batia-lhe tão depressa que ela mal conseguia respirar. Não conseguia ver nada, exceto as costas das pessoas à sua frente. Achou que era capaz de vomitar.

Quando finalmente chegaram à frente, Rin levou muito tempo para encontrar o seu nome. Examinou a metade inferior do pergaminho, mal se atrevendo a respirar. Com certeza, não se tinha classificado bem o suficiente para ficar entre os dez primeiros.

Não viu *Fang Runin* em lado nenhum.

Só quando olhou para o Tutor Feyrik e viu que ele estava a chorar é que percebeu o que tinha acontecido.

O nome dela estava no topo do pergaminho. Ela não tinha ficado entre os dez primeiros. Tinha-se classificado no topo de toda a vila. De toda a *província*.

Tinha subornado um professor. Tinha roubado ópio. Tinha-se queimado, mentido aos seus pais adotivos, abandonado as suas responsabilidades na loja e quebrado um acordo de casamento.

E ia para Sinegard.